



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 14, número 1, jan-jun, 2022, pág. 168-204.

PSICOLOGIA DA MORTE E FENOMENOLOGIA: NOTAS PARA A PESQUISA EMPÍRICA EM TEMPOS DE COVID-19

Alexsandro Medeiros do Nascimento
Antonio Roazzi
Henrique Augusto Brust de Jesus
Laís Virgínia de Araújo Mendes
Luís Roberto Ramos Beltrão de Melo
Pedro Vinícius Gomes Silva

Resumo: A pandemia de Covid-19 trouxe ao mundo novas apresentações da morte, suscitando na sociedade reformulações em seus rituais mortuários, trazendo também o pesar do luto e o persistente temor da finitude. No ano de 2020, o Brasil testemunhou um conturbado combate à pandemia de Covid-19 que elevou a taxa de óbitos e desnordeou a população. O presente artigo discute sobre uma ampliação das agendas de pesquisas empíricas de base fenomenológica de forma que sejam capazes de explicitar as cicatrizes deixadas pela mortandade por Covid-19 em nosso necrossistema. São apresentadas propostas teóricas de relevância no campo da psicologia da morte, um breve esboço de metodologias fenomenológicas e seu uso no campo da fenomenologia da morte brasileira e, por fim, ponderações a respeito da pandemia de COVID-19 e seus impactos sobre o sentido dado a experiências de morte e morrer no Brasil em tempo pandêmico.

Palavras-chave: Pandemia Covid-19, morte e morrer, psicologia da morte, fenomenologia pesquisa fenomenológica.

Abstract: The Covid-19 pandemic brought new presentations of death to the world, raising society reformulations in its mortuary rituals and bringing the grief of mourning and the persistent fear of finitude. In 2020, Brazil witnessed a turbulent fight against the Covid-19 pandemic that raised the death rate and bewildered the population. This article discusses an expansion of empirical research agendas with a phenomenological basis so that they can explain the scars left by the Covid-19 mortality in our necrosystem. Relevant theoretical proposals are presented in the field of psychology of death will be presented, a brief outline of phenomenological methodologies and their use in the field of the phenomenology of Brazilian death and, finally, considerations about the COVID-19 pandemic and its impacts on the given meaning to experiences of death and dying in Brazil in a pandemic time.

Keywords: Pandemic, Covid-19, death and dying, psychology of death, phenomenology, phenomenological research.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

No primeiro semestre de 2021, o Brasil tem disputado o maior número de óbitos diários por COVID-19 em todo o mundo, além da baixa taxa de vacinação no país, baixa adesão ao distanciamento social e UTIs lotadas¹. A crise sanitária instaurada atualmente escancara as fragilidades e a ineficácia do poder público em assegurar a saúde da população. São cenas de caixões e corpos dispostos em conjunto, às pressas, fechados, sem respeitar o ritual habitual do luto, que provocam profundo pesar a familiares e pessoas próximas². Relatos de quem vivencia a chegada da morte são reportados diariamente nos meios de comunicação, traduzindo o abalo psíquico vivenciado pelos brasileiros. Neste cenário mórbido, novos contextos do luto surgem, novos rituais fúnebres se estabelecem, a ansiedade de morte se faz saliente com os boletins diários, os suicídios crescem em número e, por vezes, a rotina de profissionais da saúde os drena ao nível da exaustão. Estas alterações na base da sociedade convidam a explorar como é existir na situação de confronto diário com a morte e quais os sentidos atuais da morte e do morrer para os brasileiros. Cabe, então, em meio a este novo contexto, propor uma agenda da psicologia da morte com o papel de investigar e acessar os fenômenos ocorridos hoje no Brasil e abri-los ao exame do público.

Kastenbaum e Aisenberg (1983), proponentes do campo da psicologia da morte, nos demonstram a existência de um intrincado sistema de vocábulos e ações orientadas à morte na sociedade que podem ou não exercer o propósito de facilitar aos indivíduos o entendimento da morte na dimensão coletiva e privativa do cotidiano: um *necrossistema*. A existência consolidada deste sistema se atesta nos mecanismos da sociedade para gerenciar e amenizar os terrores da morte, instituir papéis sociais mortuários, estabelecer rituais fúnebres, entre outras particularidades de cada cultura. Sendo os necrossistemas localizados num determinado tempo histórico, seus arranjos

¹ Barrucho, 2021, 3º parágrafo. Disponível em < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56414769>>

² Jiménez, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-03/cemiterio-em-sao-paulo-a-foto-que-jamais-gostaríamos-de-publicar.html>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

mudam de acordo com as configurações presentes na sociedade, e neste ponto onde a morte e o morrer já se arrastam há mais de um ano no cotidiano, impera entender como o necrossistema brasileiro tem sido perturbado por conflitos políticos, modelado por novos protocolos científicos e asseverado pela constante iminência da morte. Se incumbem de realizar esta tarefa as ciências do campo da tanatologia, especialmente a psicologia, antropologia e sociologia.

De acordo com o reforçado por Andrade e Holanda (2010), a pesquisa qualitativa surge no contexto acadêmico enquanto uma via de resgate das subjetividades e a fenomenologia como metodologia qualitativa capaz de acessar as vivências dos indivíduos, descrevê-las e amplificá-las, obtendo acesso aos sentidos da experiência individual e à essência do fenômeno (Smith et al., 2009; Andrade & Holanda, 2010; Giorgi, 2006; Giorgi et al., 2017; Gill, 2020). Desta forma, faz-se muito oportuno adentrar o novo necrossistema brasileiro através da leitura das vivências em tempos de COVID-19, permitindo-nos um novo olhar em detalhes para o que se deflagra hoje e quais soluções podem ser pensadas para o amanhã.

Ao longo deste trabalho, objetiva-se introduzir algumas propostas teóricas de relevância do campo da psicologia da morte, demonstrar o terreno demarcado pela fenomenologia da morte no Brasil e explicitar a necessidade de atenção às vivências atuais ocorridas no necrossistema em meio a pandemia de COVID-19. Posto isto, é sugerida uma agenda fenomenologicamente orientada que aspire desvendar os sentidos das experiências no campo da morte, assumindo a investigação de seus diversos temas.

Psicologia da Morte: história, objeto, metodologias, temas de pesquisa e contribuições brasileiras

Passadas seis décadas desde a estreia do movimento intelectual de Conscientização para a Morte americano (*death awareness movement*) (Feifel, 1974), já é possível atestar com segurança que a tanatologia vagarosamente atingiu algum reconhecimento na Academia, recebendo inclusive atenção em



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

laboratórios brasileiros, revistas especializadas, seminários e workshops (Kovács, 2008). Como aferido por Feifel (1990), o movimento que apresentou a morte em primeiro plano trouxe à reflexão uma variedade de perspectivas, como: a necessidade de assegurar a dignidade ao paciente terminal; o olhar mais atento às implicações futuras e prospectos de nossas mortes; a importância de nos sentirmos confortáveis com o mistério da morte; a morte simbólica e os pequenos lutos do cotidiano; a transdisciplinaridade dos assuntos da morte; e a educação para a morte não só para os profissionais de saúde, mas também para a sociedade. Enquanto um dos proponentes do estudo da morte na psicologia, Feifel (1990) nos situa que a ciência da morte e do morrer não é um culto de fixação pelo macabro, mas sim uma proposta de apreciação da vida em sua preciosidade, elevando-se os valores, prioridades e objetivos.

Alguns antecedentes históricos contribuíram para que houvesse um maior interesse da psicologia pela questão da morte. Kastenbaum e Aisenberg (1983), relataram os contextos e acontecimentos que propiciaram essa mudança de paradigma entre a relação do construto da morte com a psicologia. No parágrafo seguinte, será realizada uma breve descrição de alguns desses processos a partir da concepção destes autores.

Um dos pontos a serem ressaltados é que desde a segunda guerra mundial as pessoas tiveram que lidar com o prospecto da morte de maneira muito intensa. Na segunda guerra houveram extermínios em uma quantidade bem maior em comparação com a primeira guerra mundial, além do grande progresso em escala mundial no desenvolvimento de instrumentos que objetivavam a exterminação em massa. Todo este prospecto propiciou que a sociedade refletisse sobre aspectos mais existenciais, como o significado da vida. Outra questão relevante é que já não há mais um distanciamento da morte cruel ou de forma abrupta. A denominada morte “natural” não gera grandes dificuldades para um possível afastamento, no entanto, a morte violenta e repentina não permite essa fuga com tanta facilidade. Os próprios meios de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

comunicação de massa, como a televisão, por exemplo, submergem o indivíduo em um mar de horror e que infelizmente denota a realidade vigente. Então, constata-se que já não há tantas possibilidades para esse distanciamento. A maior experiência dos higienistas mentais também configurou-se como um fator importante. Havia uma enorme gama de profissionais de psicologia e psiquiatria mais experientes e envelhecidos em comparação a outros tempos. Muitos deles, inclusive, já tinham vivenciado momentos de luto e experiências bastante dolorosas, como campos de concentração, cárceres e guerras.

O projeto da psicologia da morte (ver Kastenbaum & Costa, 1977) desejou entre seus objetivos transformar várias suposições comuns à época em perguntas reais que podem ser elucidadas por meio da observação empírica. No século passado, por exemplo, várias hipóteses que abordam a ligação da criança com a morte foram testadas. Kastenbaum e Costa (1977) mencionam a conjectura de que as crianças não compreendessem a morte, sendo algo compreendido apenas pelos adultos; esse tipo de concepção era marcada pelo pressuposto de que não seria saudável para os infantes que houvesse preocupações referentes às questões da morte, convergindo para a proposta de manter o período da infância associado com um momento ameno e feliz, sem levar em consideração os percalços que podem surgir na realidade. O propósito dessas suposições é o de amenizar a ideia de que o significado da morte exerce influência na criança, no que se refere ao desenvolvimento cognitivo, social e da personalidade.

No que tange aos métodos já há muito tempo utilizados nas pesquisas da morte, pode-se citar o caminho de prospectos firmados em estudos de casos clínicos, entrevistas, experimentos, questionários, análise de comportamentos expressivo-projetivos, observações naturalistas e medidas de desempenho (Kastenbaum & Costa, 1977). Do polo qualitativo, a tanatologia muitas vezes opta por metodologias advindas de bricolagem para melhor acessar os vários lados de um objeto e torná-lo claro, reduzindo limitações (Carvernhill, 2002). Em revisão (ver Wittkowskia, Doka, Neimeier e Vallerga, 2015) pesquisadores



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

encontram a pesquisa quantitativa como principal paradigma metodológico escolhido entre os estudos nas principais revistas de tanatologia do mundo, a *Death Studies* e a *Omega Journal of Death*, com a prevalência temática de estudos do luto, atitudes diante da morte, suicidologia e fim de vida, respectivamente. Entretanto, embora haja o protagonismo da pesquisa quantitativa, estudos com a perspectiva qualitativa cresceram bastante na última década, contribuindo para uma análise mais descritiva dos aspectos relacionados à morte. Há também um predomínio de pesquisas empíricas de acordo com as análises realizadas. Revisões de literaturas e metanálises permaneceram de maneira bastante frequente em um nível muito baixo de produções.

Atualmente estabelecida, a psicologia da morte já possui uma coleção de temas muito próprios da disciplina, marcados por uma maior representatividade em pesquisas e teorizações. Entre estes, mencionam-se o fim de vida, luto, significados da morte, suicídio, eutanásia e educação para a morte.

Elizabeth Kübler-Ross (1996/1969) surge como uma das principais teóricas do fim de vida e do luto. Em seu trabalho, identifica-se em pacientes terminais cinco estágios diferentes do processo de morrer: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. A autora explica que nem todos os pacientes vão passar pelos 5 estágios, alguns se detém em apenas um deles, outros em mais de um. Também este mesmo processo pode servir de modelo para explicar as fases do enlutamento daqueles que perderam alguém. Neto et al. (2017), constatam a validade destas teorias ao concluírem que a compreensão dos estágios de luto e antecipação da morte de Klüber-Ross é fundamental entre estudantes de medicina e médicos, visto que os auxiliarão não só a comunicarem a má notícia de maneira mais branda, como também a entenderem melhor o funcionamento de cada paciente.

As pesquisas em tanatologia fazem enfática a necessidade de se trabalhar a educação para a morte enquanto tema de especial interesse na



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

formação em saúde. Oliveira-Cardoso e Santos (2017) detectam pertinência desse conhecimento coletando a percepção de alunas sobre um grupo voltado ao tema. É reconhecida a importância da atividade na preparação para lidar com pacientes terminais, ressignificar subjetivamente a morte e o morrer e construir uma melhora da conduta profissional. Em outro estudo, Santos e Pintarelli (2019) investigaram a educação sobre o processo da morte e do morrer em estudantes de medicina e médicos residentes. Descobriu-se que a interação com pacientes em processo de morte propiciou sentimentos diversos nos participantes, tais como angústia, maior sensibilidade, esfriamento, tristeza, amadurecimento profissional, entre outros.

O tema dos significados da morte tem sido abordado em diversos contextos sociais, disseminando um acervo de pesquisas com grande variedade de amostras. Tomamos por exemplo o trabalho de Santos e colaboradores (2020) que buscam os significados da morte e do morrer em profissionais de uma unidade de terapia intensiva na cidade de Salvador. Na pesquisa, constata-se que a vivência desses profissionais é fundamentada na adaptação ao contexto, e a morte é compreendida como um fenômeno característico à vida; e, no que concerne ao processo de morrer, existem obstáculos para o enfrentamento em virtude do vínculo formado entre profissionais e pacientes. Numa outra variedade amostral, Magalhães e Nascimento (2018) buscam entender como a morte é subjetivada entre fãs de heavy metal, encontrando significações da morte voltadas à cultura ocidental, havendo tensões entre a abstração da morte e a sua concretude.

Kovács (1992) destaca que as ideações suicidas apresentam alguns graus de intencionalidade, que vão desde desejos, repressões e tentativas até ao ato em si. Ribeiro et al. (2018), ao avaliar o perfil epidemiológico dos suicídios e também das tentativas de suicídio, perceberam que este tem uma prevalência entre jovens adultos e adolescentes, as taxas mais altas são comuns no período de 30 a 49 anos e as mulheres tendem a realizar mais tentativas que os homens, estes, utilizando-se de estratégias menos violentas.



Revista **AMAZônica**, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Carcélen (2020) realizou um estudo investigando as opiniões da população e de médicos clínicos a respeito da eutanásia. Constatou-se que o apoio a essa prática médica aumentou bastante não só entre profissionais da medicina, como também entre os habitantes do país. Em 2021, a Espanha regulamentou a eutanásia para residentes e pacientes espanhóis. Dessa forma, os pacientes possuem legitimidade para, caso assim desejarem, buscar meios, através da medicina, com o intuito de ceifar a própria vida³.

A psicologia da morte, trazida ao Brasil já há algumas décadas⁴, tem como um de seus proponentes Maria Júlia Kovács, livre-docente do Instituto de Psicologia da USP onde coordena o Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM), que dedicou-se a temas como suicídio, luto, pacientes terminais e educação para a morte. Em relação a este último tema, Kovács (2008), verificou como estão sendo trabalhados os conteúdos associados à morte e o morrer trazendo ao exemplo uma universidade pública nacional. De acordo com os alunos, constatou-se que esses temas são abordados de forma bastante rasa em outras disciplinas e que eles não se consideram aptos para lidar com questões referentes à morte. Além disso, observou-se que os discentes manifestaram bastante indignação com o déficit de informações na grade curricular.

Wilma da Costa Torres é também uma das expoentes na área e pioneira nos estudos da morte no país. Desenvolvimentista, realizou estudos sobre suicídio, pacientes terminais, religiosidade dentre outros, no entanto, dedicou a maioria das suas pesquisas ao tema de conceito de morte na criança. Torres (2002), examinou a associação existente entre conceito de morte e nível da cognição em crianças diagnosticadas com doenças crônicas, estabelecendo uma comparação com crianças saudáveis que possuem situação socioeconômica e nível

³ 1º Parágrafo. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/18/parlamento-da-espanha-aprova-legalizacao-da-eutanasia.ghtml>>

⁴ Cumpre trazer à memória e prestar o devido tributo aos trabalhos da pioneira Wilma da Costa Torres (*In memoriam*) que deixou um rico legado em pesquisas desenvolvimentais de inspiração piagetiana sobre o desenvolvimento do conceito de morte em crianças de diferentes contextos socioeconômicos. Seus trabalhos fornecem o alicerce histórico para o posterior desenvolvimento de uma psicologia da morte genuinamente brasileira.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

cognitivo semelhantes. Utilizou-se as tarefas para avaliação do nível de desenvolvimento cognitivo e o instrumento de sondagem do conceito de morte (Torres, 1979). Os resultados mostraram que a defasagem cognitiva que foi detectada em crianças carentes, no que tange aos padrões piagetianos, não se mostraram com um nível maior nas crianças com doenças crônicas (Torres, 2002).

É válido ressaltar também a contribuição de Alessandro Medeiros do Nascimento, pesquisador, no âmbito da Psicologia da Morte. Em um de seus estudos sobre significados da morte, Nascimento e Roazzi (2008) avaliaram a estrutura da representação social da morte em profissionais de saúde, através de um questionário com perguntas abertas e fechadas. A pesquisa baseou-se no método de “variáveis externas como pontos”, além de um procedimento multidimensional não métrico (SSA). Os resultados indicaram que existe uma grande probabilidade de que houve dificuldades não só em se estabelecer consensos, como também na representação da morte.

Maíra Monteiro Roazzi é outra autora com trabalhos relevantes na área. Em seu estudo, Roazzi et al. (2010) analisaram o período no qual manifestam-se nas crianças significados religioso-metafísicos e secular-biológicas, no que concerne ao conceito de morte. Entrevistou-se noventa e duas crianças, entre 6-8 e 10-12 anos, de escolas privadas e públicas. As crianças examinaram dois textos que explicavam a morte de uma avó ou avô e, a partir disso, respondiam se alguns processos mentais e corporais perdiam ou não a funcionalidade depois da morte. Verificou-se então, que as crianças possuíam subjetividades baseadas vigorosamente na perspectiva secular-biológica da morte. Acrescenta-se ainda que, no que tange às diferenças mentais e corporais, elas elaboraram justificativas fundamentadas na visão religiosa-metafísica para funções mentais e secular-biológicas em relação às funções corporais.

A fenomenologia da morte brasileira



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Sob um olhar epistemológico, a morte é um objeto complexo, decomposta enquanto fenômeno em suas diversas apresentações, como nos estudos do luto, da antecipação do morrer, do suicídio, da morte hospitalizada, entre outros; estes temas emplacam a composição dos estudos psicológicos da morte no Brasil. Por ser multifacetada, a perspectiva metodológica dada aos fenômenos da morte varia de acordo com o objeto a ser trabalhado, e segue-se que desvendar este fenômeno nos coloca no lugar de também investigar o que esta morte nos suscita. “O que penso sobre a morte?”, “como é morrer em minha cultura?”, “como vivencio o morrer do outro?”, “como vivenciarei a minha morte?”. A curiosidade em conhecer os sentidos destas vivências abre espaço para a fenomenologia enquanto ferramenta investigativa capaz de capturar o sentido de uma experiência humana da maneira como ela se apresenta (Amatuzzi, 1996; Moran, 2000; Smith et al., 2009; Giorgi, 2006; Giorgi et al., 2017; Gill, 2020), e, por consequência, através de pesquisa, chegar ao encontro das diversas faces da morte na sociedade, constituintes de um necrossistema.

A fenomenologia empregada enquanto uma abordagem metodológica qualitativa, possui sua própria epistemologia filosófica e se desdobra em métodos variados para acessar os fenômenos vivenciados pelo indivíduo (Gill, 2020). Nela, busca-se com rigor ir de encontro à experiência interior mais própria e única, onde o fenômeno de fato acontece, sendo assim, a proposta é tornar acessível a *essência* do ocorrido na experiência de um indivíduo. Por este motivo, é importante esclarecer que: na fenomenologia, o fenômeno é compreendido pela maneira como ele se mostra, respeitando sua apresentação evitando inicialmente compreendê-lo através de concepções ou pelo entendimento inicial através de teorias explicativas (Moran, 2000; Amatuzzi, 1996). Assim, na pesquisa qualitativa fenomenológica são exploradas as raízes das vivências (Creswell, 2013). A fenomenologia enquanto disciplina para a pesquisa em psicologia se desdobra em duas correntes proeminentes, a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

fenomenologia descritiva seguindo a tradição de Husserl e a fenomenologia interpretativa fundamentada em Heidegger (ver Gill, 2020), a seguir discutidas.

O projeto de Edmund Husserl representou uma mudança de paradigma na filosofia do século XX, antes ancorada na tradição da metafísica, e encontrou o terreno fértil da fenomenologia, que trouxe enfoque ao conhecimento originado da experiência consciente do indivíduo (Moran, 2000). Neste novo contexto, argumenta-se que aquilo que se pode conhecer sem dubiedades é o que se apresenta na consciência quando esta olha para os conteúdos despida da atitude natural (preconcepções da vida cotidiana sobre o objeto), na famosa expressão Husserliana, um “retorno as coisas mesmas”. Só assim, o conteúdo do pensamento será apresentado empiricamente enquanto um dado puro (Husserl, 2000). A proposta de uma fenomenologia metodológica voltada para a psicologia é propriamente estabelecida por Amadeo Giorgi (2006; Giorgi et al., 2017). Em seu trabalho, Giorgi sugere uma tradição descritiva, onde o pesquisador se desfaz de suas preconcepções, da proposta positivista e do senso comum diante do fenômeno da consciência, e se coloca em primeira pessoa na postura de uma atitude *fenomenológica psicológica*, desejando conhecer em profundidade a essência psicológica pertencente ao fenômeno e descobrindo os seus sentidos, bem como posteriormente descrevendo a estrutura psicológica do que foi relatado.

A proposta de Husserl, onde a experiência acontece na interface com um mundo pré-reflexivo e afetivo, o mundo da vida (*Lebenswelt*), é desafiada por Martin Heidegger, ao contestar a relação sujeito-objeto por assumir que somos seres que sempre estão existindo no mundo (*in-der-Welt-sein*), um ser com o objeto. Entende-se que tudo pensamos apenas pelo arcabouço adquirido da nossa vivência no mundo, vivemos nele e por ele, e constituímos este mundo através de nossas experiências individuais. Sem ter escolha, somos uma amálgama de mundo e indivíduo; o ser humano está lançado no mundo, sendo-o (Heidegger, 2013/1927; Moran, 2000). Porque a vida do ser humano acontece sempre num contexto, ele é um ser que está aí em algum lugar, num



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

determinado espaço e tempo; o ser humano é um ser-aí (*Dasein*). Este ser-aí também é constituído de linguagem, a qual emprega para interpretar sua existência através de uma hermenêutica (uma leitura de si) (Heidegger, 2013/1927). A premissa heideggeriana tirou a fenomenologia do foco na consciência e a lançou no enfoque sobre a mundanidade do ser humano, pensada como uma experiência na existência em vez da experiência consciente (Gill, 2020).

O interesse heideggeriano por uma fenomenologia dos fatos vividos (facticidade), considerada numa cultura e historicidade, abre caminho para diversas metodologias interpretativas que podem ser utilizadas pela psicologia (Gill, 2020). Smith, Flowers e Larkin (2009) sugerem que a metodologia da pesquisa fenomenológica interpretativa parta do princípio de que o ser-humano cria o sentido de sua experiência, auto-interpretando-se. Instaurado como tal, há uma dupla hermenêutica no método interpretativo de Smith et al. (2009), onde o pesquisador tenta *fazer* sentido do dito pelo participante, que está tentando *fazer* sentido de sua própria *experiência*. Assim, o papel do pesquisador é ir de encontro da experiência subjetiva relatada pelo participante e amplificá-la.

Neste terreno epistêmico são sugeridas também outras abordagens para análises de cunho fenomenológico. Para dar alguns exemplos: a fenomenologia hermenêutica de Van Manen, a fenomenologia interpretativa de Benner, a fenomenologia social de Van der Schültz, a fenomenologia para pesquisas em organizações de Sanders, entre outras. Porém, grosso modo, estas propostas se deslocam entre os pólos epistêmicos interpretativo e/ou descritivo, segundo avaliação de Gill (2020). Apesar da experiência ser um conceito complexo, não podemos nos furtar de contemplar maneiras de descrever o que vivenciamos quando estamos imersos nos instantes mais corriqueiros, que transitam num contínuo que vai desde os acontecimentos irrefletidos aos mais conscientes, além de cogitar como poderíamos transcrever essas vivências demonstradas em seus próprios termos (Smith et al., 2009). A vista empírica dos fenômenos



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

como os percebemos, tirando de cena as teorias inicialmente explicativas, abre espaço ao singular e a novas reformulações explicativas (Amatuzzi, 1996; Andrade & Holanda, 2010). Seguindo estes princípios, a morte ainda é um objeto de estudo vasto no campo das experiências idiográficas, sua documentação fenomenológica é escassa, em nível mundial, e em contexto brasileiro.

Em revisão recente de Gomes e Sousa (2017), revela-se que no Brasil a pesquisa fenomenológica sobre a morte tem priorizado pressupostos heideggerianos em seu aporte teórico, seguido por fenomenologias de outros autores como a de Merleau-Ponty, a fenomenologia psicológica de Giorgi e a fenomenologia social⁵. Entre os trabalhos, cabe a ressalva de que alguns são criticados por não terem diretrizes definidas na etapa de análise de dados. Os principais temas abordados até então foram as experiências de pessoas com câncer e seus familiares, a família e a morte, a perspectiva da morte em graduandos e profissionais e, por último, luto e suicídio. Para representar o tom dos trabalhos fenomenológicos no Brasil, seguiremos mencionando brevemente alguns artigos a seguir.

Observada enquanto modelo, a tese de Fujisaka (2014) utiliza da fenomenologia psicológica (Giorgi, 2006; Giorgi et al., 2017) para encontrar os sentidos de vivências e a estrutura da experiência em um público de cuidadores de pessoas em leito de morte. Acessando os sentidos das vivências dos participantes, percebe-se que cuidar está intimamente relacionado à experiência de amenizar a dor de entes queridos, junto a experiência de se entregar a este propósito mesmo que implique em esgotamento. Para os participantes, a estrutura da experiência envolvia também aproximar-se dos médicos e com maior intimidade do enfermo, havendo grande empatia. Para dois dos participantes, houve o sentido de, por vezes, tornar-se um só com o doente e

⁵ Especialmente àquela inspirada nas ideias de Schütz, em sua síntese magistral entre fenomenologia e o pensamento sociológico de Weber (ver Schütz, 2012, para uma apresentação abrangente em língua portuguesa do Brasil dos principais aspectos da síntese schütziana).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

suas dores. Um outro sentido da vivência foi o de que cuidar do paciente é difícil se há pouca comunicação com os médicos, pois isto desorganiza a preparação para a perda; a morte parecia mais iminente. Por fim, passado algum tempo após a morte do familiar, a estrutura psicológica da experiência foi a de dor e saudade em transformação: diluiu-se a dor e restou a saudade. Isto ressignificou o vínculo do cuidador para com o falecido, criando um tipo de relação diferente, pois se pauta nos sentidos de uma *presença na ausência*. A tese de Fujisaka acessa os sentidos e identifica as estruturas da experiência olhando para além das teorias convencionais do luto e antecipação da morte, sem, contudo, deixar de dialogar com estes saberes. Isto é conquistado por meio de seu foco empírico na apresentação do fenômeno aberto em profundidade, possibilitando encontrar a facticidade do cuidador. Chega-se, então, às raízes da vivência – o *proprium* do empreendimento científico da fenomenologia.

No tema do luto materno, Silva e Melo (2013) identificam hermeneuticamente como o acontecimento da perda de uma filha evidencia o lugar central da maternidade na vida e, após a perda, a vida passa a ter maior valor, diminuindo o tamanho das novas dificuldades. Também é analisado no caso um posicionamento duplo quanto à postura da participante quando o mesmo processo ocorre em outra mãe: transmite-se esperança às mães que passam pela mesma tarefa de cuidar de um filho doente, porém, quando a morte dessa criança é anunciada, não se é possível consolar e surge o silêncio como um discurso autêntico (Heidegger, 2013/1927).

As vivências de profissionais de saúde e graduandos ao confrontar a morte também foram temas fenomenológicos. Através da hermenêutica heideggeriana, afere-se em médicos os sentidos de estranhamento frente a morte, que sofrendo da angústia de se perceber enquanto um ser-para-a-morte tal qual seu paciente, evitam-na, aliviando-se na impessoalidade para continuar o seu trabalho. Tal atitude se estabelece desde a formação (Mello & Silva, 2012). Estes sentidos dialogam com o achado de Santos, Porto e Batista



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(2020), onde profissionais de saúde na unidade de terapia intensiva significam a experiência da morte no local de trabalho como algo natural por ser rotineira; uma naturalidade vista como necessária para a continuidade do trabalho. Há também os sentidos de ressalva, onde o cuidado emocional é visto como importante para o profissional, a fim de evitar que um modo de proteção não camufle sentimentos reais pesarosos.

Quando a fenomenologia da morte reflete o tema da formação e o êxito dos futuros médicos, Silva e Ayres (2010) identificam entre alunos os temas do desamparo e necessidade de modelos profissionais no preparo para lidar com a morte, a fim de construir uma atitude mais adequada e trabalhar suas emoções. Já no polo da formação em psicologia, Nascimento, Jesus e Roazzi (2021) mapeiam o fenômeno dos *sentidos de morte* dados por estudantes; trabalho este que resulta em uma riqueza de sentidos distintos entre si, acompanhados juntamente de suas estruturas psicológicas. Observa-se que para os alunos a estrutura psicológica *daquilo que é a morte* se traduz das seguintes maneiras: um dar-se conta da finitude do fluxo de experiência; um fim dado a vida através da disfuncionalidade e interrupção do corpo físico; uma continuidade da vida e/ou novas formas de vida na dimensão espiritual; a morte como uma ideia ansiogênica e prejudicial ao indivíduo; a morte como um processo de elaboração afetiva após uma perda; e, por fim, a morte como componente motivador que valoriza e dá sentido ao existir. Enfatiza-se com o trabalho a amplitude do conceito da morte no imaginário em formação destes estudantes, que não demorarão a se depararem com a morte em sua profissão.

Aplicando a metodologia fenomenológica em uma população que tentou suicídio, Ming-Wau et al. (2020) encontram nos sentidos desta decisão o exercício da liberdade ontológica frente a presença de angústia como uma possibilidade de escolha para cessar os conflitos existenciais. Também foi aferida a unidade de sentido da morte enquanto uma escolha melhor do que viver este mundo, uma forma de afastar os problemas externos por meio do confronto entre viver de acordo com os valores dos outros ou abdicar de seus



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ideais. Ainda nesta unidade de sentido, o suicídio surge como uma forma de encerrar adversidades vindas do mundo, como a perda da família e a dura sintomatologia da psicose.

Buscando compreender o aspecto misterioso e espiritual envolvido na morte, Rabelo e Mahfoud (2020) empreenderam um estudo sobre a percepção de coveiros sobre o referido tema. As estruturas das experiências destes homens demonstram o cemitério entendido enquanto um território misto, ambíguo, onde a fronteira do mundo dos mortos pode ser cruzada; um espaço de diálogo entre os dois mundos, o aquém e o além. Durante a noite, ouvem-se passadas sem dono, recebe-se a visita dos sepultados e o homem que estava vivo se vê morto. No aspecto estrutural do fenômeno vivenciado, o cemitério não possui dono, e é necessário negociar com a entidade cuidadora dos mortos, o “Caveirão”, para ganhar a proteção ao entrar no território. É identificado também em um dos coveiros o sentido de um aquém radical, onde nada existe no além-do-túmulo.

O corpo das pesquisas fenomenológicas da morte demonstra o empenho em conhecer a morte e privilegiá-la pelo olhar em primeira pessoa. Busca-se a raiz do fenômeno (Creswell, 2013), e a comunicação dos sentidos tão únicos à vida cotidiana (Smith et al., 2009). É para verificar este grau de empirismo que a fenomenologia é desejável como uma disciplina de pesquisa com caráter exploratório, capaz de encontrar com profundidade os sentidos da finitude, amplificando-os, pois apenas o próprio indivíduo pode informar aquilo que intenta da vida e da morte.

Pandemia COVID-19 no Brasil: impactos societários e enfrentamento

No ano de 2019, a China se deparou com uma nova emergência sanitária. O que inicialmente foi identificado como uma pneumonia de origem desconhecida entre pessoas que frequentavam comércios de animais selvagens dentro da cidade de Wuhan, posteriormente foi analisado e reconhecido como um novo coronavírus (Chaves & Bellei, 2020). Tal nomenclatura, cujo termo



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“corona” no latim significa “coroa”, surge por tratar-se de um tipo de vírus que tem morfologia parecida com uma coroa solar e apresenta subfamílias alfa, beta, gama e delta; estas, variam de acordo com a classe do animal que o abriga (mamífero, ave, etc.) (Velaven & Meyer, 2020).

Existem evidências de que o vírus foi provocado através do contato entre humanos e animais selvagens e pelo consumo destes, principalmente pela cultura fortemente influente na China de que “animais vivos recém abatidos são mais nutritivos” (Chaves & Bellei, 2020). Esse tipo de costume alimentar pode contribuir para a proliferação de zoonoses, isto é, doenças transmitidas de animais para pessoas, e têm o potencial de trazer sérios danos infecciosos a humanos (Chaves & Bellei, 2020). É válido destacar também que o agente patogênico citado é causador de sintomas com diferentes níveis de gravidade nos sujeitos, leve em alguns, e fatal em outros (Velavan & Meyer, 2020). Nesse sentido, é importante acrescentar ainda que, ao final de 2020, identificou-se uma outra variação da COVID-19 no contexto brasileiro, mais especificamente na capital do Amazonas. Esta, tem um potencial maior de transmissão e pode se instalar em indivíduos já infectados e que já apresentam anticorpos contra a doença⁶.

Considerando o perigo desse vírus de alta infectividade, medidas de contenção e prevenção foram tomadas inicialmente na China e sugeridas ao resto do mundo na medida em que o patógeno progrediu de um surto epidêmico para uma pandemia global. Entre as atitudes tomadas por esse país, estão: fechamento do mercado de Huanan para desinfecção ambiental, rigorosa quarentena e também o feito da construção de hospitais em menos de 10 dias (Chaves & Bellei, 2020).

No Brasil não foi diferente. Apesar das iniciativas de prevenção não terem sido imediatas na mesma proporção que no território Chinês, governos estaduais e municipais decretaram estado de calamidade pública e tomaram

⁶ Fonseca, 2021, 1º parágrafo. Disponível em <<https://www.uol.com.br/vivabem/reuters/2021/03/01/variante-brasileira-do-coronavirus-pode-driblar-sistema-imune-diz-pesquisa.htm>>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

medidas de alcance individual, ambiental e comunitário (Malta & Gracie, 2020). Tais determinações vão desde lavar as mãos, utilizar máscaras e limpar superfícies, até restrições sociais diversas, como: proibição do funcionamento de escolas, universidades, eventos com aglomeração, redução de frotas, e, finalmente, o período de quarentena (Malta & Gracie, 2020).

A partir deste cenário, é concebível considerar de perto as diferentes vivências autenticamente brasileiras de como temos lidado com este novo modo de vida (e de se morrer) a que somos atravessados cotidianamente. Para se debruçar de forma mais concreta a esta situação, estudos e pesquisas estão sendo desenvolvidos nacional e internacionalmente para contemplar este novo vírus que, até então, ainda não é conhecido em todas as suas especificidades e nas amplas dimensões com que está chegando até nós. Da mesma forma, é de suma importância considerarmos o modo como a pandemia tem alcançado diferentes populações em um país marcado pela desigualdade, além dos percalços para estratégias de enfrentamento e transformações no necrossistema em meio a este contexto.

A esse respeito, é relevante endossar que a realidade brasileira tem sido fragilizada nos últimos anos por cortes nos investimentos sociais, de saúde e em pesquisas após aprovação da *Emenda Constitucional nº 95* (Werneck & Carvalho, 2020). Ademais, medidas estratégicas para cuidar da saúde da população através da prevenção da propagação da COVID-19 tem sido fortemente criticadas e desqualificadas por representantes do governo brasileiro, destacando-se o próprio Presidente da República (Campos, 2020). O discurso inicialmente feito para depreciar critérios de isolamento social foi de que devemos pensar na economia do país. Assim, não deveríamos colaborar com restrições para o funcionamento de atividades fora do ambiente doméstico (Campos, 2020). Além disso, iniciativas como uso de máscara, álcool em gel, evitar aglomerações, entre outras, foram preteridas, apesar de sabermos através de nossa própria vivência e de dados divulgados pelas mídias e pesquisas que a situação de pandemia não cessou de se alastrar e o número de mortos, a subir.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Campos (2020) atenta ainda para o termo utilizado pelo próprio Presidente de “imunidade de rebanho”. Esse termo, que se refere ao conjunto de pessoas imunizadas naturalmente ou por meio da vacina, é endossado pelo pensamento falacioso do Presidente, defendendo que continuemos nossas vidas normalmente para que no momento em que setenta por cento da população for afetada, a pandemia seja controlada; e assim muitas vidas seriam perdidas propositalmente (só em um estado dos entes federados, esse número pode chegar a 150.000⁷). Esta colocação claramente vai de encontro às recomendações da comunidade científica e as medidas de outros países que obtiveram mais sucesso no controle do vírus, como a Nova Zelândia, China e Holanda (Campos, 2020).

Desta forma, o mesmo governante despreza cada indivíduo morto pela doença e o sofrimento de seus parentes, familiares e amigos. Se tomássemos esta medida proposta por nosso atual presidente, chegaríamos a aproximadamente 7 milhões de mortes. Esta quantidade de pessoas seria majoritariamente a população mais pobre e vulnerável do nosso país (Campos, 2020). Nesse sentido, os impactos decorrentes da pandemia e de nosso despreparo para lidar com ela estão sendo sentidos também à nível individual, na medida em que este surto tangencia o ponto da mudança drástica nas formas de vivenciar variadas demandas do nosso dia-a-dia, tanto relativas às pessoas próximas, quanto no que concerne aos sentidos que temos dado frente a essa doença.

Dentre os estudos elaborados para contemplar como a população está lidando com este cenário nas dimensões objetivas e subjetivas, podemos citar o trabalho de Malta et al. (2020) numa importante pesquisa acerca do cotidiano da população, acusando os impactos negativos relativos à saúde quando no contexto de quarentena e restrição social, apesar, obviamente, de reconhecerem que estas medidas são essenciais para diminuir a curva de transmissão da COVID-19. Observando as mudanças documentadas no padrão de vida de

⁷ Machado et. al, 2020, 6º parágrafo. Disponível em <<https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/100-imunidade-de-rebanho>>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

estadunidenses (aumento de sedentarismo, consumo de bebidas alcoólicas e alimentos ultraprocessados), as autoras elaboraram um estudo transversal contemplando participantes brasileiros maiores de 18 anos, na tentativa de conhecer possíveis mudanças no que se refere ao consumo de bebidas alcoólicas, tabaco, alimentação e atividades físicas no íterim da restrição social.

O estudo, que contou com uma amostra final de 45.161 indivíduos, elucida que a pandemia teve impactos em mudança no consumo de álcool, tabaco e prática de exercícios físicos, chegando a valores diferentes de acordo com gênero e faixa etária. No grupo dos fumantes, 34% expuseram que aumentaram o número de cigarros por dia; entre a população adulta, a prevalência do consumo de bebidas alcoólicas foi maior que em idosos; o consumo de alimentos saudáveis diminuiu, e o consumo de alimentos não-saudáveis aumentou em aproximadamente 4% a 6%; a prática de atividade física reduziu entre ambos os sexos (especialmente no feminino), já nos adultos-jovens e idosos, o número diminuiu em mais da metade entre aqueles que já faziam atividades físicas; a soma de horas em frente à TV também teve uma aumento de aproximadamente 1 hora e 40 minutos nos adultos e 1 hora entre os idosos; quanto à utilização de computadores ou tablets, os adultos jovens tiveram um aumento de 3 horas. As conclusões expostas, assim, nos alertam para um importante recorte de como temos vivenciado o período de quarentena e restrição social.

De acordo com Pfefferbaum e North (2020), as medidas conduzidas para contenção desta emergência sanitária podem influenciar, além de comportamentos não saudáveis (como os corroborados pela pesquisa citada acima), uma série de reações emocionais e riscos de não obediência às diretrizes de saúde pública, como vacinação e confinamento domiciliar. As autoras apontam ainda que, em pesquisas que estudam a saúde mental em situações de desastres, o sofrimento é onipresente. Também é indicado que alguns grupos podem ser mais vulneráveis emocionalmente do que outros na



Revista **AMAZônica**, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

situação da pandemia pela COVID-19. Entre eles, estão os que têm maior chance de desenvolverem formas graves, como idosos e pessoas que têm imunidade comprometida. Somado a estes, os indivíduos com problemas médicos, psiquiátricos e que costumam abusar de substâncias, além dos prestadores de cuidados em saúde, por se preocuparem com fatores como a exposição ao vírus e o medo de infectar seus entes queridos, e ainda presenciarem e atuarem em meio de demandas delicadas que podem dispor de inúmeras perdas de vida e, não raramente, ausência de recursos necessários para a saúde dos pacientes.

Um dos fatores que não pode deixar de ser considerado, é o crescente número de mortes pelo COVID-19. Apesar das medidas de contenção da propagação do vírus, a quantidade de indivíduos que vieram a óbito no território brasileiro registrados pelo acompanhamento diário neste território está em 605.139⁸ (mais de meio milhão!). Além da perda em massa, o país atualmente enfrenta situações que dificultam a realidade dos infectados, como a escassez de leitos e de profissionais qualificados para prestar serviços de saúde⁹. Somada à essa realidade, o processo fúnebre também está se dando de forma distinta. Por causa do vírus de alta infectividade, familiares estão mantendo contato por meio de tablets ou telefones celulares e são impedidos de realizarem rituais funerários, o que torna a experiência do luto ainda mais delicada e de resolutividade incerta (Crepaldi et al., 2020).

Um outro agravante é a falta de oxigênio em algumas regiões do país pela alta ocupação de leitos. Uma das regiões que foi gravemente afetada é o estado do Maranhão, onde os pacientes foram transferidos para outra unidade hospitalar por falta do gás oxigênio suficiente à todos¹⁰. Outro caso emblemático causado no decorrer da pandemia aconteceu na cidade de Manaus

⁸ Dados relativos ao compilado até o presente (22.10.21). Disponível em <https://qsprod.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>

⁹ Satie, 2021, 4º parágrafo. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/03/13/covid-19-no-brasil-13-3-2021>>

¹⁰ 1º parágrafo. Disponível em <<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2021/03/12/pacientes-com-covid-19-sao-transferidos-apos-falta-de-oxigenio-em-hospital-de-bacabal.ghtml>>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(AM), onde profissionais de saúde precisaram recorrer à ventilação manual para suprir a oxigenação na ausência de cilindros apropriados, causando o óbito de muitos pacientes. É sabido que situações similares a estas se repetem em outros estados do Brasil. Sobre isso, a Frente Nacional de prefeitos projeta que, ao menos 76 municípios de 15 estados estão em estado crítico no que se refere a quantidade de oxigênio hospitalar¹¹.

Dado este cenário de calamidade pública e suas repercussões, podemos dizer que, dentre os maiores desejos do povo brasileiro está o antídoto para a pandemia, ou a própria vacina contra o vírus. Segundo matéria da BBC Brasil (por James Gallagher, 2020), os cientistas da Universidade de Oxford, com parceria da farmacêutica AstraZeneca, desenvolveram em tempo recorde a vacina contra a COVID-19. Em adição a essa vacina específica, outras foram desenvolvidas também num intervalo de tempo muito curto, e atualmente existem mais de 6 tipos de variedades.

No território brasileiro, a vacinação teve início no fim de Janeiro de 2021, com dez milhões de doses administradas¹² e distribuídas de acordo com os grupos mais vulneráveis a contrair o vírus (priorizando-se idosos e trabalhadores da saúde). Entretanto, o número de pessoas vacinadas está progredindo lentamente, e, segundo matéria jornalística de março (Garcia, 2021) no jornal G1, “ainda temos poucas doses disponíveis e vacinamos menos de 5% dos grupos prioritários”. Além destas informações, sabemos também que o número de doses previstas está sendo reduzido, e estima-se que, num cenário positivo, apenas 70% da população acima de 18 anos será vacinada em 2021¹³.

É importante mencionar também as atitudes negacionistas do Presidente da República que inicialmente tinha influenciado, por meio de discursos

¹¹ Sampaio, 2021, 6º parágrafo. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2021/03/20/alerta-de-falta-de-oxigenio-em-sp-e-no-df-amplia-mapa-do-colapso-nacional>>

¹² 2º parágrafo. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56024504>>

¹³ Garcia, 2021, 3º e 4º parágrafo. Disponível em <<https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/03/12/vacinacao-contra-a-covid-19-quando-o-brasil-comecara-a-ver-os-efeitos-positivos.ghtm>>



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

públicos, redes sociais e outros, parte da população a duvidar do caráter benéfico da vacina. Ele é, de acordo com a BBC News Brasil, "o primeiro líder político da história a desencorajar a vacinação". Apesar deste cenário, é válido destacar que a luta contra a pandemia ainda está acontecendo individual e comunitariamente, e as principais medidas públicas que estão sendo tomadas nas regiões do país tomadas enquanto a vacina não chega a todos, são: restrição de circulação de pessoas, decreto do toque de recolher e veiculação de informações que endossam a importância de como se portar frente a essa realidade, lavando sempre as mãos, fazendo uso de máscara, álcool em gel e respeitando o distanciamento social¹⁴.

Psicologia da Morte e Pandemia COVID-19: Fenomenologia e descrição das vivências emergentes no necrossistema brasileiro em tempo pandêmico - Notas para uma agenda de pesquisa

A fenomenologia pode ser uma importante ferramenta de pesquisa para compreender as vivências experienciadas durante esse período tão sombrio da humanidade. A escuta e entendimento dos sentidos produzidos a partir dessas experiências são de vasta utilidade à pesquisa nacional, permitindo a melhor compreensão e manejo da situação instaurada. O irrompimento de importantes fraturas simbólicas no sistema funerário e as novas demandas decorrentes disto produzem também novas formas de vivenciar os processos de perda, os quais precisam ser atendidos, documentados e estudados pela pesquisa nacional.

A COVID-19 colocou não só as estruturas da sociedade, mas o próprio humano diante de sua fragilidade. As profundas mudanças causaram impacto psicológico, com aumento dos níveis de estresse, depressão e ansiedade (Wang et al., 2020), ademais outros tantos fatores que vinham com as drásticas mudanças. O medo da contaminação, e o medo da finitude aparecem agora também escancarados, em uma sociedade que evita a morte. De acordo com a obra do historiador da morte Philippe Ariés (1977) vivemos hoje na era da

¹⁴ Nascimento, 2021. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/governos-estaduais-adotam-medidas-restritivas-para-combater-covid-19>>



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

morte interdita, isolada aos hospitais e ao sistema funerário. Onde por meio dos conhecimentos técnico-científicos, a morte é tratada como um fracasso, e é prontamente silenciada no discurso social.

A vivência experienciada pela humanidade, de perdas vastas e rápidas devido a COVID-19, traz cenas que remetem aos registros da peste negra no Medievo Ocidental. A busca de tratamentos, cuja eficácia, não é comprovada cientificamente, como o uso da cloroquina e ivermectina (Siemieniuk et al., 2020), nos faz lembrar as experiências de sangria realizadas pelos médicos da época, na tentativa desesperada de obter uma cura para deter o avanço da doença. Repetem-se as cenas de abertura de valas coletivas, onde os mortos acumulam-se às centenas. O medo da morte, representado largamente em obras artísticas do período medieval, se apresenta latente mais uma vez. Apesar do abismal avanço tecnológico, social e cultural em relação ao período da peste negra, as cenas ainda se assemelham, e rememoram a humanidade de outro momento sombrio de sua história.

Os rituais funerários têm como sua função principal a simbolização do processo de despedida do ente querido, além da socialização entre os enlutados. A irrupção desses costumes, para evitar novas contaminações e aglomerações, dificulta o processo de luto e aumenta as chances da formação do luto complicado. Pessoas que perdem entes queridos na pandemia de COVID-19 podem ao mesmo tempo estar convivendo entre contaminados, às vezes sendo a situação de famílias inteiras (Bajwah et al., 2020). Em concordância, sentimentos de culpa podem aumentar quando o indivíduo tem a percepção que foi a responsável pela contaminação e a consequente morte daquele ente querido (Taylor, 2019). Ainda de acordo com o autor, a expressão do luto também pode ser diretamente afetada, visto que as necessidades de isolamento social dificultam a promoção de redes de apoio. Devido também ao risco de contaminação, familiares e amigos foram impedidos de acompanhar os doentes nos seus momentos finais, marcado pela presença de frequentes reconciliações, pedidos de desculpas e mudanças nas formas de se relacionar.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A falta dessas experiências facilita o afloramento de sentimentos de culpa e dor, e de ter perdido alguém sem ter feito as pazes em seus momentos finais.

De acordo com Taylor (2019), em observações feitas com pandemias anteriores como a de Ebola, do vírus H1N1 e da SARS no Oriente Médio, pandemias causam níveis elevados de estresse psicológico em função do aumento considerável no número de mortes em um curto espaço de tempo. Esse aumento expressivo no número de mortes é estressor não só pela sua quantidade, mas também pela forma que se dão os processos da morte e do morrer. Em contexto de mortes causadas por doenças infecciosas, os rituais de despedida e funerários são profundamente modificados. Lisboa e Crepaldi (2003) configuram os rituais de despedida como experiências ocorridas quando há consciência da iminência da morte por parte dos familiares, pessoas próximas e do próprio sujeito, enquanto organizadores do processo de perda. Esses momentos tendem a ser marcados pelo resgate de memórias e momentos vividos, despedidas, resoluções, pedidos de desculpas e reorganizações de estruturas familiares. Comumente, os rituais de despedida são marcados pela comunicação verbal e não-verbal, a última, de fundamental importância, por ser uma forma de expressão quando já não há mais palavras. Nessa forma de comunicação, estão inclusos também abraços, carinhos e o toque, como formas de expressão afetiva. De acordo com os autores, esses momentos prévios ao falecimento, de contato, diálogo, troca e resoluções são importantes para a melhor elaboração do luto e da própria percepção sobre a morte do sujeito. Costantini et al. (2020) reforçam que os momentos de despedida são também marcados por uma forte necessidade de acolhimento espiritual, serviço realizado por figuras de profundo conhecimento espiritual e religioso, como padres, rabinos e pastores. No contexto da pandemia de COVID-19 essa necessidade pode acabar por não ser atendida, marcando uma falta que pode dificultar a elaboração da experiência da perda pelos familiares e pelo próprio sujeito moribundo.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Levantam-se questões importantes em relação à vivência destes momentos finais para os enfermos da COVID-19 em ambiente hospitalar. As dificuldades de comunicação com os familiares, ou sua realização em meio virtual, trazem novas experiências para o sujeito face à morte e a sua família. A morte, antes já isolada nos hospitais, agora se vê como um processo ainda mais solitário. As percepções das famílias que não puderam ter seus rituais de despedida, com o familiar ainda em vida, devido ao adoecimento por COVID-19, podem trazer à tona cenas verdadeiramente terríficas de solidão e abandono no momento da morte. As vivências dos enlutados que perderam pessoas próximas nesse contexto traz à tona a necessidade da escuta e compreensão desses fenômenos, para melhor entender os impactos nos processos de morte e no luto posterior dos sobreviventes.

A alta infecciosidade do novo coronavírus traz também experiências de diversos sujeitos dentro de um mesmo núcleo familiar contaminados pelo patógeno. Essa questão traz um fator estressor a mais. Segundo Taylor (2019), múltiplas infecções e perdas simultâneas ou em um curto espaço de tempo durante uma pandemia trazem mais dificuldades à elaboração e expressão das perdas. Papéis familiares precisam ser repensados e a perda de figuras cuidadoras pode trazer outras dificuldades que a família precisa se ajustar. Ainda segundo o autor, a perda de familiares jovens é também marcada por grande sofrimento. Embora no contexto da COVID-19 a população mais jovem possua menor grau de fatalidade, as mortes ainda acontecem, especialmente quando o sujeito possui comorbidades como hipertensão e diabetes, por exemplo (Walker et al., 2020). O quadro de COVID-19 pode evoluir rapidamente, e assim a morte pode acontecer de maneira inesperada. Segundo Bajawal et al. (2020) esse tipo de morte impede a expressão do luto antecipatório, em que há uma preparação por parte dos familiares e pessoas próximas para a perda, facilitando o processo.

O processo funerário em si é também profundamente modificado no contexto da pandemia de COVID-19. Devido a necessidade de distanciamento



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

social e a possibilidade de infecção pelo corpo do falecido, os rituais precisaram ser repensados e adaptados. A recomendação do Ministério da Saúde (2020) é de que os caixões contendo corpos de mortos com suspeita ou confirmação da COVID-19 precisam ser lacrados e mantidos fechados. As cerimônias de velório são realizadas também com o caixão fechado, reduzidas para a duração máxima de uma hora e com a drástica redução de pessoas presentes, limitadas aos parentes mais próximos do falecido.

Segundo Taylor (2019), essas novas experiências do processo funerário em contexto pandêmico trazem novas dificuldades para a família, podendo dificultar a elaboração do luto. Por conseguinte, os impactos da pandemia e das medidas protetivas sanitárias precisam ser devidamente documentados, em especial, àqueles sobre os ritos fúnebres e o processamento posterior do luto familiar, sendo tais estudos preciosos quando alicerçados em metodologias fenomenológicas que retém o vivido destas amargas experiências, e as testemunham pelo prisma deste olhar em 1ª pessoa.

É importante destacar o uso de tecnologias para tentar aproximar a experiência atual com os processos de despedida que a sociedade está acostumada. A Fiocruz (2020) recomenda o uso de computadores, tablets e smartphones em funerais e processos de despedida na pandemia do COVID-19, visto que há um impedimento sanitário à prática dos costumes funerários convencionais. No estado americano do Texas, por exemplo, o enterro de um pediatra querido pela comunidade local foi transmitido ao vivo pelo Facebook, com cerca de quatrocentos espectadores (Hernández & Beckman, 2020). Esses recursos são fundamentais para tentar amenizar as consequências dos funerais em contexto pandêmico. Contudo, Ingravallo (2020) aponta que mesmo com o uso dessas novas tecnologias, os rituais virtuais de despedida não possuem a mesma capacidade de satisfazer as necessidades do enlutado. É preciso destacar também que muitas pessoas podem não ter acesso a essas tecnologias, e principalmente a população idosa pode ter mais dificuldade de acessá-las.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Segundo Wallace et al. (2020), o luto é um processo de perda marcado por comportamentos normativos, em que ocorre a adaptação a um novo contexto, envolvendo emoção, cognição, sensações físicas e mudanças de comportamento. Freud (1915/2010) fez importantes considerações sobre o luto, comparando-o ao quadro da melancolia, percebendo profundas semelhanças, com o luto, este, contudo, tendo a característica de ser normatizado pela sociedade. As dificuldades na elaboração do luto e a forma como se deu a perda podem levar ao surgimento do luto complicado, que segundo Worden (2018) envolve a intensificação do sofrimento por um período prolongado, de forma a sobrecarregar o sujeito e provoca o surgimento de comportamentos mal-adaptativos, como o abuso de álcool e drogas, por exemplo. No luto complicado estão presentes também sentimentos de tristeza intensos, pensamentos intrusivos, afastamento de outras relações e a percepção de falta de sentido na vida. Esse contexto traz importantes questões para a pesquisa nacional, visando uma melhor compreensão das vivências e experiências daqueles que tiveram de viver o luto em meio a pandemia de COVID-19. A necessidade se faz presente ao se compreender a dimensão das mudanças e eventos estressores simultâneos acontecendo no desenrolar da pandemia no Brasil.

A pandemia de COVID-19 nos traz diariamente lembretes de nossa mortalidade e dos outros. Este *memento mori* involuntário se faz presente especialmente nos acontecimentos mais drásticos, na perda de pessoas próximas pelo vírus e, no cotidiano, em jornais apontando as novas mortes diárias. Em um estudo na China, ainda no início da pandemia, Wang et al. (2020) reportaram que as pessoas que se percebiam com maior chance de vir ao óbito pelo coronavírus sofrem de maiores níveis de estresse e depressão no desenrolar da pandemia. Em estudo na Austrália, Newton-John et al. (2020) encontraram uma correlação positiva entre a ansiedade de morte, pensamentos e comportamentos ansiosos e maior estresse psicológico durante a pandemia atual. No mesmo estudo, foi reportado que os australianos estimavam a própria



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

fatalidade caso contaminados pelo vírus em número onze vezes maior que a real fatalidade do vírus no país. Este cenário aponta a necessidade de se investigar o papel dos pensamentos e o medo sobre a própria morte por COVID-19 no contexto brasileiro, no impacto psicológico que surge quando há a percepção de que a morte pode estar mais próxima. A fenomenologia mais uma vez se mostra como uma ferramenta de pesquisa frutífera, a fim de compreender os sentidos que os sujeitos atribuem a percepção da morte no contexto da pandemia atual.

O contato com a morte se tornou ainda mais intenso dentro dos hospitais. Como apontado no tópico anterior, profissionais da saúde trabalhando na linha de frente no combate a COVID-19 estão constantemente expostos à morte de pacientes e colegas de trabalho pela doença. Médicos e enfermeiros lutam diariamente para tentar salvar as vidas de pacientes infectados, frequentemente em contextos de ausência de recursos suficientes. Nesse contexto, foram reportados diversos momentos em que a equipe médica se via diante de difíceis decisões, em que foram postos na posição de fazer escolhas em relação a que pacientes priorizar, e onde deveriam ser alocados os recursos disponíveis. Outro fator importante se refere a experiências de presenciar a morte diretamente dos pacientes. Kovács (2005) nota que existe um déficit na formação dos profissionais de saúde para lidar com a morte. No contexto pandêmico, onde todo o sistema hospitalar é implicado, recursos são escassos e a demanda de trabalho aumenta, os profissionais de saúde se veem ainda com o desafio de ver a morte de perto. Presenciar a morte de pacientes é um fator de risco para desenvolvimento do transtorno do estresse pós-traumático em qualquer situação (Lee et al., 2017).

Em estudo com profissionais da linha de frente no combate ao coronavírus em Israel, Mosheva et al. (2020) encontraram uma forte correlação entre o testemunho da morte de pacientes por coronavírus e o desenvolvimento de sintomas de estresse pós-traumático. É importante demarcar que além do testemunho da morte desses pacientes, a equipe de saúde frequentemente



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

também precisa desempenhar a função de comunicar a morte à família do paciente. A capacidade do quadro de COVID-19 de se agravar rapidamente traz também um fator que pode trazer dificuldades na vivência dessa morte (Mosheva et al., 2020). Dessa forma, urge a comunidade acadêmica de compreender a natureza dessas vivências, e os sentidos que são construídos para estas mortes, visto a potencialidade de trazer graves implicações para a saúde mental dos profissionais envolvidos.

Assim, fica clara a necessidade de um mapeamento da morte no contexto da pandemia de COVID-19, em suas vivências, sentidos e experiências, tanto a nível mundial, quanto em contexto brasileiro, estudos psicológicos qualitativos são de grave escassez relacionados a momentos pandêmicos. O necrossistema como um todo foi profundamente modificado, suspeitando-se que de maneira muito mais rápida do que a capacidade humana de se adaptar aos novos processos. As implicações psicológicas que as mudanças nas vivências da morte propiciam são de largo impacto, e precisam ser melhor compreendidas em sua natureza. A pesquisa psicológica fenomenológica demonstra-se como uma excelente metodologia a fim de compreender melhor os sentidos dados a experiência pelos sujeitos. Em um país em que a morte se tem feito cada vez mais presente no cotidiano, a produção científica nacional deve se debruçar profundamente sobre as questões da morte e do morrer e suas novas expressões pandêmicas.

Considerações finais

A situação da pandemia COVID-19 tem sido preocupante no país, visto a negligência de governantes e a consequente proliferação voluntária do vírus. Devido às novas normas de biossegurança, o colapso dos sistemas funerário e de saúde, e de unidades de tratamento intensivo, a intensificação dos papéis assumidos por profissionais de saúde, o necrossistema, da maneira que conhecemos, está profundamente modificado. É importante considerarmos o que foi legado pela tanatologia e buscarmos as epistemologias da morte como



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ferramenta para entender aquilo que é próprio da pandemia, tais como os velórios virtuais, os ritos de despedida daqueles que foram intubados, as preocupações surgidas pela exposição às notícias mórbidas, o impacto causado em profissionais de saúde pelo elevado número de morte de pacientes, a estrutura da experiência do luto causado por Covid-19, as novas reflexões de prospecto de morte e os novos *memento mori*, entre outras apresentações da morte e do morrer rotineiras.

Exposto desta forma, é fundamental que a psicologia da morte investigue com rigor quais sentidos os indivíduos têm dado às novas vivências tanáticas próprias de nosso tempo. Para isto, a fenomenologia se apresenta como uma metodologia de pesquisa extremamente frutífera, com uma sólida base teórica e métodos consistentes. Assim, torna-se possível pensar uma perspectiva complementar aos estudos já estabelecidos, nos trazendo mais uma peça para montar o quebra-cabeças da compreensão psicológica do necrossistema da pandemia no Brasil. Propõe-se, então, o acesso à experiência interna do sujeito, amplificando-a, a fim de conhecê-la da forma em que esta se apresenta. Com o contexto de distanciamento social, entretanto, cabe a ressalva da necessidade de experimentação nas metodologias já estabelecidas, para adaptá-las às formas possíveis de produção de dados onde caiba o interesse da tanatologia, resguardando-se os cânones de cientificidade do marco fenomenológico escolhido para alicerce da investigação.

Referências

- Andrade, C. C., & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(2), 259-268. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>
- Barrucho, L. (16 de Março de 2021). *Raio-X da pandemia: O Brasil que Queiroga recebe de Pazuello*. Fonte: BBC News Brasil: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56414769>.
- Chaves, T. D. S. S., & Bellei, N. C. J. (2020). SARS-CoV-2, o novo Coronavírus: uma reflexão sobre a Saúde Única (One Health) e a importância da medicina de viagem na emergência de novos



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

patógenos. *Revista de Medicina*, 99(1),

i-iv.

<https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v99i1pi-iv>

Bernal-Carcelén I. (2020). Euthanasia: trends and opinions in Spain. *Revista Espanola de Sanidad Penitenciaria*, 22(3), 112–115.
<https://doi.org/10.18176/resp.00020>

Campos, G. W. D. S. (2020). O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. *Trabalho, Educação e Saúde*, 18.
<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00279>

Crepaldi, M. A., Schmidt, B., Noal, D. D. S., Bolze, S. D. A., & Gabarra, L. M. (2020). Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>

Creswell, J. W. (2013). *Qualitative Inquiry and research design choosing among five approaches* (3rd Ed). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Dantas, C. R., Azevedo, R. C. S., Vieira, L. C., Côrtes, M. T. F., Federmann, A. L. P., Cucco, L. M., Rodrigues, L. R., Domingues, J. F. R., Dantas, J. E., Portella, I. P., & Cassorla, R. M. S. (2020). O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(3), 509-533. Epub October 30, 2020. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>

Feifel, H. (1974). Psychology and the death- awareness movement. *Journal of Clinical Child Psychology*, 3(2), 6-7.
<https://doi.org/10.1080/15374417409532560>

Feifel, H. (1990). Psychology and death: Meaningful rediscovery. *American Psychologist*, 45(4), 537–543. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.45.4.537>

Freud, S., & de Souza, P. C. (2010). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. Companhia das Letras.

Fundação Oswaldo Cruz. (2020). *Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19*. Rio de Janeiro: Autor. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.36021.29922>

Gill, M. (2020). Phenomenology as qualitative methodology. In M. Järvinen, & N. Mik-Meyer (Eds.), *Qualitative Analysis: Eight approaches for the social sciences* (pp. 73-94). Sage.

Giorgi, A. (2006). Concerning variations in the application of the phenomenological method. *The Humanistic Psychologist*, 34(4), 305-319.
https://doi.org/10.1207/s15473333thp3404_2

Giorgi, A., Giorgi, B., & Morley, J. (2017). The Descriptive Phenomenological Psychological Method. In C. Willig, & W. Stainton Rogers (Eds.), *The Sage handbook of qualitative research in psychology* (2nd Edition, pp.176-192). Thousand Oaks, CA. Sage.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Heidegger, M. (2013). *Ser e Tempo*. (8th ed., M. S. B. Schuback Trad.) Petrópolis: Editora Vozes. (Obra original publicada em 1927)

Hernández, A. R., & Berman, M. (2020, March 23). Grief amid the pandemic: live-streamed funerals, canceled services and mourning left ‘unfinished’. *The Washington Post*. Retirado de https://www.washingtonpost.com/national/grief-amid-the-pandemic-live-streamed-funerals-canceled-services-and-mourning-left-unfinished/2020/03/23/9201e996-6bdf-11ea-abef-020f086a3fab_story.html

Husserl, E. (1990) *A Idéia da Fenomenologia*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70

Ingravallo F. (2020). Death in the era of the COVID-19 pandemic. *The Lancet. Public Health*, 5(5), e258. [https://doi.org/10.1016/S2468-2667\(20\)30079-7](https://doi.org/10.1016/S2468-2667(20)30079-7)

Jiménez, C. (2020). Cemitério em São Paulo: a foto que jamais gostaríamos de publicar. *El País [Internet]*.

Kastenbaum, R., & Aisenberg, R. (1983). *Psicologia da morte*. São Paulo: Pioneira.

Klüber-ross, E., & Kessler, D. (2005). *On grief and grieving: Finding the meaning of grief through the stages of loss*. Nova York: Scribner

Klüber-ross, E., (1996). *Sobre a Morte e o Morrer*. (7a ed., P. Menezes Trad.), São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1969).

Kovács, M. J. (2008). Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18(41), 457-468. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300004>

Kovács, M. J. (2005). Educação para a morte. *Psicologia: ciência e profissão*, 25, 484-497.

Lee, J. H., Lee, D., Kim, J., Jeon, K., & Sim, M. (2017). Duty-Related Trauma Exposure and Posttraumatic Stress Symptoms in Professional Firefighters. *Journal of Traumatic Stress*, 30(2), 133–141. <https://doi.org/10.1002/jts.22180>

Macedo, Y. M., Ornellas, J. L., & do Bomfim, H. F. (2020). COVID–19 NO BRASIL: o que se espera para população subalternizada? *Revista Encantar-Educação, Cultura e Sociedade*, 2, 01-10. Recuperado em 23 de outubro de 2021, de <https://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8189>

Magalhães, J., & Nascimento, A. (2019). Significados da morte entre headbangers (fãs de heavy metal): uma incursão cognitiva-fenomenológica através da produção de fala interna. *Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, 5(2). Recuperado em 23 de outubro de 2021, de <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/241584>

Malta, D. C., Szwarcwald, C. L., Barros, M. B. D. A., Gomes, C. S., Machado, Í. E., Souza Júnior, P. R. B. D., ... & Gracie, R. (2020). A pandemia da



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29, e2020407. <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400026>

Mello, A. M. M. (2012). A estranheza do médico frente à morte: lidando com a angústia da condição humana1. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(1), 52-60. Recuperado em 23 de outubro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100008&lng=pt&tlng=pt.

Ming-Wau, C., Boris, G. D. J. B., Melo, A. K., e Silva, R. M. (2020) A Decisão de Tentar o Suicídio sob a Lente Fenomenológico-existencial Sartriana. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20, 1310-1330. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.56663>

Ministério da Saúde (2020). *Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus – COVID-19*. Brasília: Autor.

Moran, D. (2000). *Introduction to phenomenology*. Routledge.

Mosheva, M., Gross, R., Hertz-Palmor, N., Hasson-Ohayon I., Kaplan, R., Cleper, R., Kreiss, Y., Gothelf, D., Pessach, I.M. (2021). The association between witnessing patient death and mental health outcomes in frontline COVID-19 healthcare workers. *Depression Anxiety*, 38(4), 468-479. doi:10.1002/da.23140.

Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2008). Polifasia cognitiva e a estrutura icônica da representação social da morte. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 499-508. Doi: 10.1590/S0102-79722008000300019 <https://bit.ly/2NJGGV5>

Nascimento, A. M., Jesus, H. A. B., & Roazzi, A. (2021). Sentidos de Morte em Universitários do Curso de Psicologia. *REH - Revista Educação e Humanidades*, 2(1), 525-559. e-ISSN 2675-410X <https://bit.ly/34u05Ef>

Neto, L. L. S., Silva V. L. L., Lima, C. D. C., Moura, H. T. M., Gonçalves, A. L. M., Pires, A. P. B., & Fernandes, V. G. (2017). Habilidade de Comunicação da Má Notícia: o Estudante de Medicina Está Preparado?. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 41(2), 260-268. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n2rb20160063>

Oliveira-Cardoso, É. A., & Santos, M. A. dos. (2017). Grupo de Educação para a Morte: uma Estratégia Complementar à Formação Acadêmica do Profissional de Saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(2), 500-514. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002792015>

Pfefferbaum, B., & North, C. S. (2020). Mental health and the Covid-19 pandemic. *New England Journal of Medicine*, 383(6), 510-512. <https://doi.org/10.1056/nejmp2008017>

Philip A. Carverhill (2002) Qualitative Research in Thanatology. *Death Studies*, 26(3), 195-207, <https://doi.org/10.1080/07481180211272>

Rabelo, E. A., & Mahfoud, M. (2020). Entre o aquém e o além: análise fenomenológica de vivências de coveiros diante do numinoso.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Memorandum: Memória E História Em Psicologia, 37.
<https://doi.org/10.35699/1676-1669.2020.14930>

- Ribeiro, N. M., Castro, S. D. S., Scatena, L. M., & Haas, V. J. (2018). Análise da tendência temporal do suicídio e de sistemas de informações em saúde em relação às tentativas de suicídio. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 27(2). <https://doi.org/10.1590/0104-070720180002110016>
- Roazzi, M. M., Dias, M. D. G. B. B., & Roazzi, A. (2010). Mais ou menos morto: Explorações sobre a formação do conceito de morte em crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 485-495. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000300009>
- Santos, Q., Porto, L., & Batista, C. (2020). Significados de morte e morrer para profissionais de unidade de terapia intensiva. *Psicologia Argumento*, 38(100), 316-337. <https://doi.org/10.18554/refacs.v7i4.3671>
- Schütz A. (2012). Sobre fenomenologia e relações sociais. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Siemieniuk, R. A., Bartoszko, J. J., Ge, L., Zeraatkar, D., Izcovich, A., Kum, E., ... & Brignardello-Petersen, R. (2020). Drug treatments for covid-19: living systematic review and network meta-analysis. *Bmj*, 30, 370:m2980 <https://doi.org/10.1136/bmj.m2980>
- Silva, G. S. N., & Ayres, J. R. C. Mesquita. (2010). O encontro com a morte: à procura do mestre Quíron na formação médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 34(4), 487-496. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022010000400003>
- Smith, J. A., Flowers P., & M. Larkin (2009). *Interpretative phenomenological analysis* (1 Ed). Sage Publications.
- Taylor, S. (2019). *The psychology of pandemics: preparing for the next global outbreak of infectious disease*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- Torres, W. C. (1979). O conceito de morte na criança. *Arquivos Brasileiros de Psicologia* 31(4), 9-34. Recuperado em 23 de outubro de 2021, de <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18239/16986>
- Torres, W. C. (2002). O conceito de morte em crianças portadoras de doenças crônicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 221-229. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722002000200012>
- Velavan, T. P., & Meyer, C. G. (2020). The COVID-19 epidemic. *Tropical Medicine & International Health: TM & IH*, 25(3), 278–280. <https://doi.org/10.1111/tmi.13383>
- Walker, P. G., Whittaker, C., Watson, O., Baguelin, M., Ainslie, K. E. C., Bhatia, S., ... Ghani, A. C. (2020). *The global impact of COVID-19 and strategies for mitigation and suppression*. London: Imperial College. <https://doi.org/10.1126/science.abc0035> Disponível em: <https://www.imperial.ac.uk/mrc-global-infectious-disease-analysis/covid-19/report-12-global-impact-covid-19/>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Wallace, C. L., Wladkowski, S. P., Gibson, A., & White, P. (2020). Grief during the COVID-19 pandemic: considerations for palliative care providers. *Journal of Pain and Symptom Management*, 60(1), e70-e76. <https://dx.doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2020.04.012>
- Wang, C., Pan, R., Wan, X., Tan, Y., Xu, L., Ho, C. S., & Ho, R. C. (2020). Immediate Psychological Responses and Associated Factors during the Initial Stage of the 2019 Coronavirus Disease (COVID-19) Epidemic among the General Population in China. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(5), 1729. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph17051729>
- Werneck, G. L., & Carvalho, M. S. (2020). A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *Cad. Saúde Pública*, 36(5), e00068820, <https://doi.org/10.1590/0102-311X00068820>
- Wittkowski, J., Doka, K. J., Neimeyer, R. A., & Vallerger, M. (2015). *Publication Trends in Thanatology: An Analysis of Leading Journals. Death Studies*, 39(8), 453–462. <https://doi.org/10.1080/07481187.2014.1000054>
- Worden, J. W. (2018). *Grief counseling and grief therapy: a handbook for the mental health practitioner*. Nova York: Springer.

Recebido: 20/8/2021. Aceito:24/12/2021.

Sobre autores e contato:

Alexsandro Medeiros do Nascimento

Doutor, Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Coordenador do Laboratório de Estudos de Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self (LACCOS)

E-mail: alexmeden@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9981-8384>

Antonio Roazzi

Ph.D., Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: roazzi@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>

<http://lattes.cnpq.br/6108730498633062>

https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Roazzi



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Henrique Augusto Brust de Jesus

Mestrando em Psicologia Cognitiva (UFPE), Membro do LACCOS

E-mail: henrique.augustobrust@ufpe.br

Laís Virgínia de Araújo Mendes

Graduação em Psicologia pela UFPE (Bacharelado)

Luís Roberto Ramos Beltrão de Melo

Graduando em Psicologia pela UFPE (Bacharelado)

Pedro Vinícius Gomes Silva

Graduando em Psicologia pela UFPE (Bacharelado)

Nota sobre o trabalho: Artigo oriundo da componente *Trabalho Supervisionado* (TS), do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, que teve na edição de 2020.2 o foco na sistematização dos dados empíricos relacionados a sentidos de morte da pesquisa intitulada “Autoconsciência, Imagens Mentais e Experiências Místicas: a Religiosidade nos processos de (re)construção do *Self*” de autoria do Prof. Dr. Alessandro Medeiros do Nascimento, supervisor do TS nesta edição citada.